

ESTILOS

ISSN: 1981-1624

da Clínica

revista sobre a infância com problemas

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v00i0.p192-203>

Dossiê

Pandemia, corpo, virtualidades: reflexões psicanalíticas

Jacqueline de Oliveira Moreira; Bianca Ferrera Rodrigues; Marcelo Ricardo Pereira

Resumo. A sociedade sofre os impactos da experiência pandêmica que deixa seus rastros nos objetos, nas superfícies e nos corpos. O objetivo deste trabalho é o de tecer reflexões especulativas acerca do momento atual de pandemia do novo coronavírus e a necessidade de se manter o distanciamento social, com medidas mais ou menos rígidas de quarentena. Para tanto, teremos como chaves de leitura principais a saída para o mundo virtual, quando o mundo real se encontra interdito, e a dimensão corporal, afetada pela possibilidade do contágio e pelo isolamento. Nossa intenção não é esgotar o assunto, ou apresentar respostas, mas construir um olhar para o atual cenário de pandemia que traga a potência psicanalítica de singularizar o sujeito sem abrir mão de seu contexto sócio-histórico.

Palavras-chave: virtualidades; corpo; pandemia; coronavírus.

Pandemia, cuerpo, virtualidades: reflexiones psicoanalíticas

Resumen. La sociedad sufre impactos de la experiencia pandémica que deja sus rastros en los objetos, en las superficies y en los cuerpos. El objetivo de este trabajo es tejer reflexiones especulativas sobre el momento pandémico actual del nuevo coronavirus y la necesidad de mantener la distancia social, con medidas de cuarentena más o menos rígidas. Para eso, tendremos como claves de lectura principales la salida al mundo virtual, cuando el mundo real está cerrado, y la dimensión corporal, afectada por la posibilidad de contagio y aislamiento. Nuestra intención no es agotar el tema, ni dar respuestas, sino construir una mirada al escenario pandémico actual que aporta el poder psicoanalítico para singularizar al sujeto sin renunciar a su contexto socio-histórico.

Palabras clave: virtualidades; cuerpo; pandemia; coronavirus.

Pandemic, body, virtualities: psychoanalytic reflections

Abstract. Society suffers the impacts of the pandemic experience, which leaves its traces on objects, surfaces and bodies. The goal of this paper is to weave speculative reflections about the current pandemic moment of the new coronavirus and the need to maintain social distance, with more or less rigid quarantine measures. For that, we

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br

** Doutoranda em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: biancaferreira025@gmail.com

*** Docente do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Ciências Aplicadas da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: marcelorip@hotmail.com

will have as main reading keys the exit to the virtual world, when the real world is closed, and the corporal dimension, affected by the possibility of contagion and isolation. Our intention is not to exhaust the subject, or to provide answers, but to build a look at the current pandemic scenario that brings the psychoanalytic power to singularize the subject without giving up its socio-historical context.

Keywords: virtualities; body; pandemic; coronavirus.

Pandémie, corps, virtualités: réflexions psychanalytiques

Résumé. La société subit les impacts de l'expérience pandémique, celle-ci laissant ses marques sur les objets, les surfaces et les corps. Le but de ce travail est de tisser des réflexions spéculatives sur le moment pandémique actuel du nouveau coronavirus et la nécessité de maintenir la distance sociale, avec des mesures de quarantaine plus ou moins rigides. Pour cela, nous aurons comme principales clés de lecture la sortie vers le monde virtuel, lorsque le monde réel est fermé, et la dimension corporelle, affectée par la possibilité de contagion et d'isolement. Notre intention n'est pas d'épuiser le sujet, ou d'apporter des réponses, mais de construire un regard sur le scénario pandémique actuel qui amène le pouvoir psychanalytique à singulariser le sujet sans renoncer à son contexte socio-historique.

Mots-clés: virtualités; corps; pandémie; coronavirus.

A psicologia se dedica à subjetividade nas suas mais variadas aparições, mas devemos pensar não somente no sujeito individual, pois ele sempre é fruto do encontro social. Assim, podemos pensar em uma mútua determinação entre o individual e o social. Os sintomas, por exemplo, se inscrevem no indivíduo, mas podem expressar condições sociais. Segundo Lasch: “Novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização, novos modos de se organizar a experiência” (Lasch, 1983, p. 76). Compartilhando dessa ideia, Dufour levanta a hipótese de que uma mutação histórica na condição humana está se completando diante de nossos olhos, nas nossas sociedades (Dufour, 2005, p. 23). A experiência subjetiva é histórica, portanto, ser sujeito hoje guarda características específicas que se diferem dessa experiência no início da modernidade. Nesse sentido é possível se debruçar sobre o sujeito individual como também propor uma intervenção clínica para o sujeito social.

A explosão de informações, a comunicação mundial e a cibernética constituem alguns exemplos da novidade que os sujeitos têm que abraçar no mundo atual. O mundo pós-moderno¹ é definido como uma era de incessante mudança, permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente (Harvey, 1989/2006). Todavia, podemos pensar que o crescente desenvolvimento dos dispositivos digitais de comunicação e inter-relação social, de um lado, intensificam o sentimento vertiginoso de mudança, mas, de outro, ofertam possibilidades de viver, virtualmente, outras vidas. Como revela Bezerra (2020), “a internet e os dispositivos digitais tornaram-se verdadeiras extensões de nossa vida mental, e uma prova simples desse fenômeno é a transformação radical da experiência e do exercício da memória” (p. 497).

¹ Não existe consenso sobre a utilização da expressão pós-moderno, mas nosso objetivo é ressaltar uma experiência atual que se difere da moderna.

O fenômeno da ampliação das redes sociais virtuais, que se encontrava em processo, depara-se, no seu curso, com a pandemia do Sars-CoV-2 (Coronavírus)². Contexto que nos impõe uma série de desafios enquanto sujeitos, pesquisadores e psicanalistas. A sociedade sofre os impactos da experiência pandêmica que deixa seus rastros nos objetos, nas superfícies e nos corpos. Segundo Butler (2020, s.p.)

Os seres humanos compartilham o ar entre si e com os animais; eles compartilham as superfícies do mundo. Eles tocam o que os outros tocaram e se tocam. Esses modos de compartilhamento recíprocos e materiais descrevem uma dimensão crucial de nossa vulnerabilidade, entrelaçamento e interdependência de nossa vida social corporificada.

Ou seja, o ser humano é um ser social, que compartilha os espaços com seus iguais e com os demais elementos da natureza. Tocar, compartilhar, faz parte do que significa ser humano e isso vem sendo cerceado pela possibilidade de contágio do novo vírus. Assim, não podemos deixar de trazer à tona a dimensão do corpo, uma vez que este vem sendo bombardeado por todos os lados, incluindo suas relações com as novas tecnologias. Como nos aponta Kallas (2016):

O corpo é o grande cenário onde o mal-estar se expressa. A saúde se transformou no nosso bem maior e é em função do corpo que se vive. O estresse é a palavra-chave do nosso tempo. Assim como o pânico e as manifestações psicossomáticas. (p. 59)

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é o de tecer reflexões especulativas acerca do momento atual, que ainda estamos vivendo, de pandemia do novo coronavírus e a necessidade de se manter o distanciamento social, com medidas mais ou menos rígidas de quarentena. Apesar de partir de tal contexto, não nos propomos uma construção de base empírica, mas sustentamos a necessidade de reflexões teóricas e filosóficas mais abrangentes, que indiquem caminhos e possibilidades diversos. Para isso, teremos como chaves de leitura principais a saída para o mundo virtual, quando o mundo real se encontra interdito, e a dimensão corporal, que se torna protagonista das questões do contágio, da doença, do confinamento e da sua representação imagética virtual. Com isso, procuramos não esgotar o assunto nem demonizar certos aspectos dos tempos atuais, num falso saudosismo, mas introduzir discussões que se fazem prementes, ainda que versem sobre o que ainda está em andamento.

O corpo aprisionado: entrincheirados sobrevivemos?

Entendemos que a dimensão corporal não pode ficar de fora das reflexões acerca da pandemia, uma vez que ela será afetada diretamente pelo vírus, pela necessidade de fechamento no próprio lar a partir da quarentena e, além disso, pela transferência de muitas atividades impossibilitadas de serem realizadas coletivamente, para o mundo virtual. Diante disso, nos perguntamos como o cenário atual de pandemia do novo Coronavírus coloca o corpo em cena e reacende as discussões acerca do seu papel nas formas de ser e estar no mundo e com os outros.

Mas o que é um corpo para a psicanálise? Tal problemática está presente de inúmeras formas na obra freudiana, por isso, destacaremos apenas alguns aspectos que consideramos essenciais.

² Em referência ao Sars-CoV-2 (também conhecido como Coronavírus), vírus que contaminou no ano de 2020 praticamente todos os países do planeta, com alta capacidade de contágio, de mortalidade e, conseqüentemente, de afetar de modo substancial as superfícies, os corpos e as economias globalizadas ao extremo. À doença que se desenvolve a partir do contágio se dá o nome de COVID-19.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, por exemplo, Freud (1905/1976a) introduz o conceito de autoerotismo, no qual o próprio corpo, parcial ou total, é tomado como objeto de satisfação, sendo esse tipo de satisfação a característica mais marcante da sexualidade infantil. Posteriormente, ele ultrapassa essa dimensão de corpo enquanto objeto, localizando-o como fonte da pulsão (Freud, 1915/1976b). Se considerarmos que a pulsão é situada entre o psíquico e o somático, já vemos aqui se delinear uma conexão entre a dimensão corporal e a subjetiva. Conexão que também estará presente em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1976d), obra na qual o nosso corpo é apresentado como uma das fontes de sofrimento. Entretanto, é no texto *O ego e o id* que o corpo aparece como condição de possibilidade de uma identidade. Freud revela: “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/1976c, p. 40). Em outras palavras, o próprio corpo é fator que possibilita a distinção entre id e ego (Isso e Eu) e a diferenciação dos estímulos externos e internos, portanto, a separação da realidade externa através da percepção de uma identidade.

Pensar na construção de uma corporeidade implica refletir sobre como o corpo do indivíduo se organiza a partir dos elementos que lhe são estruturantes. Entende-se por corporeidade a estruturação corporal do indivíduo que atua nas relações com o mundo, o que envolve articulação entre as dimensões física, psíquica e social do corpo. “Falar em corporeidade é falar do existente, do ser que interage no e com o mundo, consigo mesmo e com os outros. É optar por concretizar o pensamento, ou mais precisamente, corporificar o ser pensante” (Moreira, 1998, p. 143). Abordar a corporeidade implica, contudo, considerar a construção corporal do indivíduo que perpassa por marcas sociais, estruturais, físicas e afetivas. Todo o processo de estar no mundo em movimento é norteado pela construção da corporeidade do indivíduo, o que contempla uma organização satisfatória de uma imagem corporal (o modo como se vê) e de um esquema corporal (o modo como se coloca no mundo). Essas construções são viabilizadas por marcas estruturais, vivenciadas nas relações com o mundo.

Se, de um lado, a corporeidade é construída na relação com o outro, podemos perguntar como definir corpos? De acordo com as contribuições de Freud, corpo é pulsional, um “corpo psíquico”, regido pela lei do desejo que tem por finalidade buscar as satisfações pulsionais. Segundo Elia o corpo só poderá ser pensando pulsionalmente como corpo-efeito do investimento libidinal (Elia, 1995). Em outras palavras, podemos dizer que “o somático, isto é, o conjunto das funções orgânicas em movimento, habita um corpo que é também o lugar da realização de um desejo inconsciente” (Fernandes, 2011, p. 42). A pulsão, enquanto conceito limite entre o psíquico e o somático, é a responsável por habitar e transmitir ao corpo sua dupla vocação.

Tal problemática do corpo já aparece desde o começo das reflexões freudianas a partir de seu trabalho com as hísticas, o qual dá origem à concepção de que o corpo não sofre apenas do que está doente nele mesmo, mas também de enfermidades com origens psíquicas. Como aponta Fernandes (2011, p. 52) “por meio do corpo, o psíquico se exprime somaticamente da mesma maneira que o somático ou realidade biológica; ele se traduz nas mais diversas manifestações psíquicas e também psicopatológicas”. A conversão histérica se torna então uma insígnia do processo no qual o corpo é representado psiquicamente e ali se situa em relação aos desejos, fantasias e demais construções inconscientes.

Nesse sentido, podemos refletir acerca das simbolizações dadas à experiência de se ter contraído o novo Coronavírus, considerando as diferentes representações dadas a uma enfermidade corporal. Em uma publicação da BBC News Brasil (2020), vemos como os relatos podem se constituir a partir de perspectivas muito distantes entre si, como demonstram os trechos a seguir:

Com qualquer doença, sua força de vontade é chave para sobreviver. Enquanto você tiver bom humor, você vencerá qualquer doença. Eu não me preocupei tanto e até a equipe médica ficou surpresa por eu estar tão alegre. (Jayantha Ranasinghe, motorista, 52 anos).

Foi provavelmente o momento mais doloroso de minha vida. Eu nunca fiquei doente desse jeito. [...] Vomitar me fazia chorar. Era muito doloroso. Eu sentava no banheiro pensando que ia morrer. Minha barriga estava vazia, e tudo que eu comia acabava vomitando. Todas as partes do meu corpo doíam. (Tiger Ye, estudante, 21 anos).

Enquanto a primeira fala significa a COVID-19 como apenas uma entre todas as enfermidades e a enfrenta a partir do vigor pessoal que deveria ser dispensado a qualquer doença, a segunda situa a doença como algo nunca experienciado anteriormente, um momento de confrontação com a possibilidade da morte. Ou seja, mesmo que se trate da mesma enfermidade, os sentidos construídos se conectam à dimensão corporal, e vice-versa, influenciando-se mutuamente.

No modelo da conversão estamos às voltas com um “corpo da representação”, mas podemos dizer ainda de um “corpo do transbordamento”, no qual a tensão física não é capaz de operar uma descarga psíquica, permanecendo, assim, no domínio físico (Fernandes, 2011, p. 52). A neurose de angústia, como colocada por Freud (1895[1894]/1990a), apresenta esse corpo do transbordamento de maneira paradigmática, pois resulta de uma excitação somática que não consegue alcançar a descarga no campo psíquico, permanecendo e se manifestando fisicamente a partir de sintomas como palpitação, arritmia cardíaca, acessos de suor, tremores, calafrios, vertigem, distúrbios respiratórios e terror noturno. Sintomas que podem ser tomados por alguma condição puramente orgânica, mas são agrupados por Freud por orbitarem o traço principal do quadro: a angústia.

Tal caracterização nosográfica foi utilizada por classificações psiquiátricas até 1980, quando a terminologia de Distúrbio do Pânico passa a integrar o conteúdo do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-III* (DSM-III). Entretanto, tal terminologia não permanece na quarta edição do DSM e vai para a Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde. Atualmente se identifica como CID-10, F41: Transtorno de Pânico ou Ansiedade Paroxística Episódica (Ribeiro, 2009). Na perspectiva desses manuais estaríamos diante de uma expressão sintomatológica, fruto de disfunção cerebral na liberação de certos neurotransmissores. Contudo, a psicanálise é capaz de proporcionar um olhar que considere a subjetividade e o contexto social implicados na origem e na manutenção dos sintomas (Pereira, 2000).

A atual condição de pandemia, e a necessidade de isolamento social, nos remetem aos quadros de transtorno de pânico, especialmente se considerarmos sua apresentação na forma de agorafobia, caracterizada por Freud (1895[1894]/1990a) a partir de suas relações com a locomoção. Sabemos que muitas pessoas não estão permanecendo isoladas em suas casas e que as medidas governamentais ora flexibilizam esse confinamento, ora atuam a fim de intensificá-lo. Além disso, não nos interessa estabelecer uma relação de causalidade entre o isolamento e o surgimento de quadros de agorafobia ou transtorno do pânico, mas tecer reflexões do que nos remete, a partir da perspectiva psicanalítica, a diminuição de possibilidade de locomoção dos indivíduos. O transtorno do pânico em si, manifesta-se justamente a partir da restrição na movimentação do sujeito, muitas vezes desenvolvida a partir da experiência de repetidos ataques de pânico, ocorrendo inesperadamente e em diferentes lugares. Uma situação na qual

O único recurso disponível termina sendo o de se refugiar em um ambiente “protegido”, geralmente em casa, próximo a uma ou mais pessoas de confiança, a quem possa recorrer em caso de novo ataque. A restrição de seu espaço físico e existencial parece-lhe preferível ao risco de ser surpreendido por uma nova crise de angústia em circunstâncias em que não possa dispor de socorro imediato. Passa, então, a evitar sair à rua e deixa de frequentar lugares fechados ou dos quais não possa sair rapidamente em caso de um novo ataque. Seu mundo social estreita-se radicalmente, dando lugar a um enorme entrenchamento no próprio lar,

associado a um terrível sentimento de desamparo e ao medo de morrer a qualquer instante (Pereira, 2000, p. 182).

Basta substituímos as crises de angústia pela possibilidade de contágio no trecho acima e teremos uma descrição do que se tornou o dia-a-dia de muitas pessoas. Tal restrição do espaço físico, o entrancheamento no próprio lar, como colocado por Pereira, a partir da sintomatologia da neurose de angústia, tem sido a única saída encontrada para se fazer frente ao avanço da pandemia na indisponibilidade imediata de uma vacina. O medo da morte e o sentimento de desamparo são respostas coerentes se considerarmos que o ambiente que se localiza para além da proteção do lar abriga um agente patogênico invisível, mas potencialmente mortal.

De fato, a situação de desamparo se constitui enquanto rica chave de leitura para o fenômeno do transtorno do pânico. Segundo essa hipótese, os ataques de angústia representam uma resposta desesperada à condição radical de ausência de garantias sobre a qual se desenrola a existência humana (Menezes, 2005; Moreira, 2006; Pereira, 2000). Tal condição de desamparo original é colocada por Freud a partir do termo alemão *Hilflosigkeit*, que não possui uma tradução direta para o português, mas seria algo como *insocorribilidade*, ou seja, uma situação para a qual não há remédio, não há saída.

Isso nos remete, mais uma vez, ao atual momento de pandemia, que lança o homem a uma condição de desamparo incapaz de ser sanada completa e rapidamente por qualquer uma de suas construções, sejam elas políticas, técnicas ou científicas. A velocidade e a ferocidade com a qual o vírus se espalhou e causou grande número de mortes reafirma a colocação freudiana: *Hilflosigkeit*. Condição insuperável e potencialmente adoecedora, como aponta muito bem Pereira (2000, p. 186) ao dizer dos sujeitos que acabam sucumbindo ao pânico:

o que se constata nesses indivíduos é que, ao serem confrontados com situações que lhes revelem que, de fato, a vida não tem garantias absolutas e, menos ainda, um fiador onipotente que assegure a estabilidade benfazeja do mundo, sua resposta é de desespero e de terror. Tudo se passa como se, subitamente, tivessem constatado uma verdade dura, radical e incontornável, para a qual não estavam minimamente preparados. Diante dessa insuportável verdade, desesperam-se e regridem (Pereira, 2000, p. 186).

Dessa forma, o autor coloca que o pânico seria a manifestação de uma incapacidade de se apropriar subjetivamente do próprio desamparo. Por sua vez, Menezes (2005) enfatiza a queda de um ideal, o desvelamento da ilusão de que existiria algo ou alguém capaz de garantir a estabilidade do mundo psíquico, organizado de forma a afastar as incertezas e indefinições. Para ele, a “motivação básica do pânico é o rompimento com o ideal” (Menezes, 2005, p. 202), pois considera também a sua manifestação, descrita por Freud em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921/1990b), na qual a angústia neurótica é provocada pela ruptura dos laços emocionais com o líder e demais membros de um grupo com o qual o sujeito se ligava libidinalmente.

Nesse sentido, podemos dizer de uma situação em que o desamparo original e constituinte do humano é desvelado numa operação na qual o ideal que se acreditava onipotente (ciência, religião, livre mercado) não é capaz de oferecer as garantias necessárias, ocasionando o desabamento da organização psíquica do sujeito. Como afirma Pereira (2016), uma angústia toma esse sujeito que imagina que o ideal ou o outro que sustentaria seu narcisismo pode, sem mediação, faltar-lhe ou invadir-lhe. A crise de pânico se dirige diretamente a esse outro pré-histórico, inesquecível, pouco mediado, a quem se faz um pedido de amor, de reconhecimento e de não abandono. O sujeito parece manifestar corporalmente a experiência de *Hilflosigkeit* pelo objeto protetor, fiador de sua garantia e estabilidade no mundo.

Entre as saídas possíveis, Pereira (2000) destaca que o pânico pode se transformar em um penoso, mas fecundo, processo de luto desse ideal (ou desse outro), desde que o desespero seja mantido dentro de limites toleráveis. Já Menezes (2005) aponta o masoquismo como uma saída própria da contemporaneidade, dando origem ao culto e à submissão ao outro, que passa a ter

direito de fazer o que bem entender com o sujeito, desde que haja, em troca, a proteção contra o desamparo.

Entretanto, não podemos deixar de considerar o fenômeno da hiperconexão, acentuado sobremaneira a partir da exigência de isolamento social. Passou-se a trabalhar, estudar, interagir, transar, se divertir virtualmente em frequência e em intensidade que superam expressamente suas manifestações anteriores. O que nos leva a retornar à dimensão corporal e nos questionar acerca das mudanças que esses mecanismos in-corporados podem realizar nas formas como os sujeitos se apropriam de seus corpos e vivenciam o isolamento social. Estaríamos às voltas com a negação do corpo e a submissão ao apelo virtual enquanto tentativa de proteção contra o desamparo? Podemos cogitar que o receio do contato com o outro pode ser uma das consequências da experiência de medo em relação à contaminação pelo Coronavírus. Butler (2020, s.p.) revela que:

O que outra pessoa expira, eu posso inspirar, e algo da minha respiração pode encontrar seu caminho para ainda outra pessoa. O traço humano que alguém deixa em um objeto pode muito bem ser o que toco, transmito a outra superfície ou absorvo em meu próprio corpo.

Sabemos com Sennet (1974/1988) do declínio do homem público e das tiranias da intimidade. O autor, já na década de 1970, descreve que a vida pública se tornou um fardo, pois o sujeito mergulha cada vez mais no interior de sua vida afetiva e no seu próprio eu. Mas quais seriam os efeitos, na vida íntima, do isolamento social? Poderíamos pensar em uma idealização do virtual como tentativa de saída para o mal-estar? Ou na construção de um “corpo máquina”, da in-corporação da máquina? Em outras palavras, nos questionamos o quanto esses novos mecanismos in-corporados podem mudar as formas que os sujeitos se apropriam do próprio corpo, negação do corpo, a partir das conexões virtuais que vivemos no mundo atual. Todos mantêm a funcionalidade através das máquinas, ou funcionando como máquinas, em ritmos acelerados de incessante trabalho e da própria vida. Como revela Bezerra (2020, p. 502), “o processo de crescente fusão entre os mundos físico e virtual tem um impacto profundo e duradouro. Na verdade, parece apontar para o fim próximo do modo de conceber e experimentar a condição humana que se iniciou com a modernidade”.

O sujeito conectado: avatares de um novo mundo?

Curiosamente, no início do século XX, Huxley já narrava de modo visionário um futuro hipotético no qual as pessoas seriam biológica e psicologicamente condicionadas para viver em harmonia com as regras legais dentro de uma sociedade rigidamente organizada, funcional e científica. No seu prolapado *Admirável mundo novo* (Huxley, 1932/2001), o autor justificaria os ritmos acelerados da vida com a funcionalidade conquistada em razão desse avanço condicionado. A profecia se cumpriu. A funcionalidade chegou, o condicionamento está entre nós. Trouxe junto, porém, um preço a se pagar: a quase onipresença da tecnologia, da virtualidade, do consumo; a explosão microfísica da violência e da segregação; o declínio dos valores institucionais e de reguladores societários; a troca de nossa capacidade de reflexão, de pensamento, pela inflação de imagens, cultura de narcisismos e sociedade de espetáculos. Huxley liberou o sujeito (tratado como indivíduo) dos cárceres da tradição, mas seu “mundo novo” não nos legou o planeta perfeito, funcional e utópico que ele vislumbrou um dia. Presenciamos hoje os transbordamentos das redes virtuais e uma tendência à prevalência do imaginário mediante o declínio do simbólico que faz surgir o deserto do real, ou seja, a virulência da sociedade cuja vida nua e precária já é experimentada hoje pelos sujeitos em suas biografias.

Dentro desse contexto no qual experimentamos o incessante avanço tecnológico, podemos ver os desdobramentos da dimensão do corpo, assim como de suas funções, no espaço virtual. Como nos apresenta Lemma (2015), vemos o corpo perdendo espaço e talvez até se tornando supérfluo em um ciberespaço que promete a liberação do *self* de suas sujeições físicas. Para a autora, se trata de uma nova arena para pôr em cena o corpo, propiciando experiências com aspectos novos, denegados ou conflituosos de nós mesmos. Muitas vezes o mundo virtual não é visto mais como ampliação da realidade, mas sim como alternativa a ela: “Atualmente, tanto a mais superficial quanto a mais íntima forma de relacionamento incluem a mediação: passamos cada vez mais tempo envolvidos em relacionamentos *disembodied*³” (Lemma, 2015, p. 69).

Quanto a isso, vale também mencionar o filme *Apaixonado Thomas*, de Pierre-Paul Renders (2000), no qual o protagonista sofre de agorafobia, condição que o impede de sair de casa e receber pessoas. Talvez, a ideia de iniciar um novo milênio tenha contribuído para o diretor pensar as novas configurações do medo fóbico do contato físico e encontrar uma saída defensiva na construção de relações virtuais. Sabadin (2009) nos diz:

O diretor Pierre-Paul Renders optou por mostrar o mundo de Thomas apenas através de seu computador. É somente via webcams e videofones que ele faz sua terapia, se associa a uma agência matrimonial, faz compras e até conversa com prostitutas, mesmo sabendo que não irá se encontrar pessoalmente com nenhuma delas. É o auge do isolamento dos tempos modernos, retratado por meio de um filme com sabor de século 21: contemporâneo, até certo ponto frio e altamente tecnológico (s.p.).

Assim, temos uma obra que demonstra como, na impossibilidade de acesso livre ao ambiente fora de casa, o virtual muitas vezes se apresenta como saída possível. A escolha do diretor por uma câmera que praticamente não se movimenta, assim como pela ausência de tomadas externas, nos obriga a conhecer o mundo próprio do personagem: virtual. Sendo importante pontuar aqui que, ao dizermos desse ambiente virtual estamos nos referindo às construções possíveis a partir de instrumentos tecnológicos, como computadores e celulares, e de seu poder de conectar e ascender criações e interações à um outro ambiente, online.

A opção estética do diretor por não filmar o personagem nos faz escutar sua voz e vivenciar suas experiências como se nosso corpo estivesse no corpo do personagem. Um experimento estético de uma vida vivida na e pela tela. Seria um presságio de um modo de vida possível em contexto de pandemia? Como revelam Ribeiro, Souza, Nogueira e Eler (2020),

Dentro desta perspectiva, com o isolamento social em decorrência à pandemia da Covid-19, claramente observa-se um aumento no manuseio e/ou uso dos mais variados veículos de comunicações tecnológicas de acesso à internet, no intuito de não perder e/ou manter os vínculos sociais. Com isso, muitos indivíduos das várias faixas etárias de idades, estão rendendo-se ao chamado “vício digital”, pois, tornou-se uma ferramenta essencial de suporte ao isolamento, com o objetivo de levar informações, facilitar as compras, consultas com especialistas e levar comunicação segura em tempo real, entre várias outras utilidades e é uma forma também segura de evitar o contágio da Covid-19. Tal situação atualmente, levanta um olhar atento de vários profissionais em saúde mental para os possíveis danos do uso excessivo destas tecnologias (p. 51).

Em outras palavras, tal conexão em redes virtuais parece se apresentar como uma saída para tempos de pandemia, dada a necessidade de todos permanecerem em casa. Pode-se dizer que essa foi a principal aposta de muitos contextos sociais: transferir o que fosse possível do “mundo real” para a dimensão virtual. Acreditamos que a pandemia coloca consequências irreversíveis para a sociedade contemporânea, tal a extensão de sua abrangência sobre o atual estágio de nossa civilização. Assim, nos questionamos em que medida o recorrer à tecnologia e à virtualidade como saída possível produz efeitos sobre a configuração fantasmática daqueles que se lançam ao mar do ciberespaço, inaugurando, quem sabe, um novo lugar para o laço social e para a lida com a realidade presente.

³ “desencarnados” ou “desincorporados”.

Não desconsideramos que a vida esteja se tornando cada vez mais um grande “aqui e agora”; um grande presente, uma grande superfície onde os excessos pulsionais podem se colocar à espreita e o flerte com a morte se apresenta enquanto banal. Vivemos cada vez mais a sociedade pós-moderna do corpo virtual, de sua exibição liberada, contra aquela da racionalidade moderna eurocêntrica. Somos hoje mais corpo virtual que razão. Não nos conduzem tanto mais as tradições, as repressões e as metanarrativas que, verticalmente, nos guiaram até meados do século XX.

Em pesquisa realizada por Lima et al. (2015), vemos como a dimensão corporal é afetada pelas novas formas de tecnologia, especialmente em se tratando dos recursos presentes nas redes sociais. Em um grupo de conversação com adolescentes do sexo feminino, essas demonstravam grande insatisfação com o próprio corpo, valendo-se de recursos de modificação de imagens para alterarem suas fotos e “parecerem mais gostosas” (p. 425). Tais modificações substituiriam as intervenções estéticas ou cirúrgicas no corpo real, uma vez que as adolescentes alegam não terem o poder aquisitivo para tal. Na visão das autoras, esse interesse em ocupar o vazio do outro via tecnologia “pode caminhar para uma dependência virtual como mais uma droga que o mercado oferece para o gozo imediato, quando a tela do computador passa a se ocupar dessa infância e adolescência negligenciadas” (Lima et al., 2015, p. 437).

Em outras palavras, nos questionamos se passou a ser liberado nos nossos dias o direito de o sujeito gozar aqui e agora das coisas que consome, da intimidade que expõe e, como Sade, dos outros com os quais se relaciona. “O problema é que, ao se liberar o gozo, ao elevá-lo à condição de direito, libera-se também o ódio e suas formas arcaicas de segregação e de impulso de morte” (Pereira, 2016, p. 37). Ora, uma sociedade cujo ódio não está regulado, justamente por isso é uma sociedade mais angustiada, ansiosa, deprimida, como pode estar se tornando a nossa.

Por óbvio, não se reivindica, nostalgicamente, retorno a um passado repressivo que se esgotou por si mesmo e do qual nos livramos de alguma maneira. Porém, nos sentimos um tanto à deriva, tendendo a coisificar, virtualizar e superficializar a vida em um presente cada vez mais alargado, que demonstra desprezar o passado e esfumar o futuro. As possíveis consequências já se apresentam enquanto empobrecimento do laço social, erosão das relações políticas e apagamento da diferença geracional.

Diante disso, a psicanálise é mais uma vez convocada e requererá que a tensionemos ao seu limite. O mundo virtualizado tem se tornado um desafio à comunidade psicanalítica no sentido de manejar seus próprios limites técnicos e de criar novos dispositivos clínicos que sejam capazes de acolher o sujeito nessas circunstâncias e de levá-lo a elaborar-se psiquicamente. Há que se conseguir alcançar em nosso horizonte as formas clínicas e os modos de subjetivação de nossa época, como outros já fizeram em tempos anteriores (Lacan, 1953/1998).

Nesse sentido, fazemos coro com as reflexões de Luz (2015), que aponta como, diante da velocidade das novas tecnologias, a psicanálise não pode perder o trem da história, precisa estar a par dos paradigmas socioculturais. As exigências de acolhimento do sujeito de hoje e da utilização das redes sociais virtuais se colocam também para os psicanalistas. Como revelam Verztman e Romão-Dias (2020), os consultórios não escaparam à necessidade de virtualização:

Em março de 2020, com a maioria dos estados brasileiros tendo recomendado o isolamento social, fomos tomados por perplexidade, medo, sensações difusas de estranheza e a percepção repentina de que a vida anterior tinha evaporado. Na comunidade psicanalítica, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto internacional, observamos um movimento imediato, sentido por muitos como violento, de mudança do setting tradicional, com sua característica presencial, para o atendimento remoto (p. 270).

De um lado, não podemos desconsiderar o papel das redes virtuais no momento de pandemia em que estamos vivendo. Mas, de outros, é preciso refletir sobre os possíveis desdobramentos deste modelo hiperconectado. Não seria prudente supervalorizar os dispositivos virtuais de inter-relação como a melhor solução para o isolamento e, nem mesmo, demonizar a utilização

de tais dispositivos em tempos de pandemia. Não pretendemos escolher uma posição, interessamos apresentar a complexidade do problema e refletir a partir da perspectiva psicanalítica acerca do isolamento e do ambiente virtual como saída possível, seus desdobramentos para o sujeito e para o laço social.

Considerações finais

A pandemia ainda em curso do novo coronavírus coloca desafios importantes para toda a sociedade, incluindo-se o psicanalista e a psicanálise em si. No presente texto não nos propomos a apresentar respostas, mas a levantar questões que se colocam e que demandam, mais do que nunca, a nossa reflexão desapressada de conclusões. Utilizamos como chave de leitura privilegiada dos fenômenos a dimensão do corpo e o recurso ao virtual por entendermos que esses são protagonistas no que vem se desenrolando socialmente desde o início do ano de 2020.

O corpo tem sido o protagonista de várias questões de nossa época: procedimentos estéticos, agorafobia, filtros de edição de imagem, suplementos alimentares, novos medicamentos, entre tantas outras. O perigo de contágio presente no “fora de casa” e a consequente tendência a se permanecer no que é familiar, seguro, nos fez refletir acerca do transtorno de pânico e da agorafobia, manifestações que tendem a isolar o sujeito do meio social. Isolamento que, nos dias atuais, permite o acesso à outra *polis*, virtual, conectada. Mas o que resta então para o corpo, enquanto limitação à ascensão plena ao ambiente online? Em outras palavras, nos perguntamos até que ponto a submissão ao apelo virtual e suas imagens perfeitas não traz consigo o corpo enquanto retorno do recalcado do qual nada queremos saber.

Enfim, quais as possíveis consequências de uma realidade externa que se torna abrigo de um patógeno mortal ou de uma realidade virtual que nos recebe de braços abertos, mas a um preço que ainda não calculamos? São reflexões pelas quais transitamos ao longo do texto, e a reapresentamos nesse momento, uma vez que nossa intenção não é esgotar o assunto, mas construir um olhar para o atual cenário de pandemia que traga a potência psicanalítica de singularizar o sujeito, sem abrir mão de seu contexto sócio-histórico.

Referências

- BBC News Brasil (2020). *Coronavírus: 'Sou grata por poder respirar': os relatos de pessoas que se recuperaram*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52295764>
- Bezerra Jr., B. (2020, set). Tecnologias digitais, subjetividade e psicopatologia: possíveis impactos da pandemia. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* São Paulo, 23(3), 495-508. doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p495.4>
- Butler, J. (2020, 04 de maio). O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades [Entrevista cedida a George Yancy]. Tradução de César Locatelli. *Carta Maior*. Recuperado de <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPelo-Mundo%2FJudith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades%2F6%2F47390#.XrSetWilhAU.facebook>
- Dufour, D. R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Elia, L. (1995). *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: Uapê.

- Fernandes, M. H. (2011). *Corpo*. 4. Ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. (Coleção clínica psicanalítica / dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).
- Freud, S. (1976a) Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII: Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos, pp. 118-216). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976b) Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, pp. 129-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1976c). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925), J. Salomão, trad., J. Strachey, ed., pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976d). O Mal-estar na Cultura. S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI: O futuro de uma ilusão, Mal-estar na civilização e outros trabalhos. J. Salomão, trad., J. Strachey, ed., pp. 75-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1990a). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 87-114). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895[1894]).
- Freud, S. (1990b). Psicologia das massas e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Harvey, D. (2006). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1989).
- Huxley, A. (2001). *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo. (Trabalho original publicado em 1932).
- Kallas, M. B. L. de M. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55-64.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lemma, A. (2015). A psicanálise em tempos de tecnocultura: algumas reflexões sobre o destino do corpo no espaço virtual. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 67-84.
- Lima, N. L. de; Barcelos, N. S.; Berni, J. T.; Casula, K. de A.; Ferreira, L. P. M.; Figueiredo, E. R. F.; Maciel, K. N.; Nunes, M. C. F. & Otoni, M. S. (2015). Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. *Estilos da clínica*, 20(3), 421-440. doi: <http://dxdoi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440>
- Luz, A. B. (2015). Oi. Q horas mesmo ficou nossa sessão? tks. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 165-175.

- Menezes, L. S. (2005). Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora*, 8(2), 193-206. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200003>
- Moreira, W.W. (1998). Corporeidade e a busca de novas palavras para o saber: uma das tarefas da Educação Motora (pp. 143-149). *Anais*, 1. Congresso Latino Americano de Educação Motora, 2. Congresso Brasileiro de Educação Motora, 1998, Foz do Iguaçu, PR.
- Moreira, J. O. O. (2006). As faces do trauma na contemporaneidade: a dialética do dizível e do indizível no transtorno do pânico, uma lacuna na história. *Revista Subjetividades*, 6(1), 67-84.
- Pereira, M. E. C. (2000). Pânico e desamparo: aspectos teóricos e clínicos do manejo da situação analítica com pacientes com transtorno de pânico. *Psicanálise*, 2(1), 181-202.
- Pereira, M. R. (2016). *O nome atual do mal-estar docente*. Belo Horizonte: Fino Traço/Fapemig.
- Renders, P.-P. (Diretor). (2000). *Apaixonado Thomas*.
- Ribeiro, M. M. C. (2009). Neurose de angústia e transtorno de pânico. *Reverso*, 31(58), 43-52.
- Ribeiro, E. G.; Souza, E. L.; Nogueira, J. O. & Eler, R. (2020). Saúde Mental na Perspectiva do Enfrentamento à COVID-19: Manejo das Consequências Relacionadas ao Isolamento Social. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC*, 5(1), 47-57.
- Sabadin, C. (2009). *Apaixonado Thomas: crítica*. Recuperado de <https://cineclick.uol.com.br/criticas/apaixonado-thomas>
- Sennet, R. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1974).
- Verztman, J. & Romão-Dias, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 269-290. doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>

Revisão gramatical: Monah Karime El Kadri
E-mail: monahelkadri@yahoo.com.br

Recebido em novembro de 2020 – Aceito em abril de 2021.